



ISSN 1678-7730 Nº 80 – FPOLIS, ABRIL DE 2006.

FREUD: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

Rafael Raffaelli

Editor

Profa. Dra. Luzinete Simões Minella

Conselho Editorial

Prof. Dr. Rafael Raffaelli
Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis
Profa. Dra. Júlia Silvia Guivant
Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe
Profa. Dra. Miriam Grossi
Prof. Dr. Selvino José Assmann

Editores Assistentes

Cláudia Hausman Silveira
José Eliézer Mikosz
Silmara Cimbalista

Secretária Executiva

Liana Bergmann

FREUD: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

Rafael Raffaelli*

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar alguns dos determinantes epistemológicos da teoria psicanalítica de Freud. São revistas as origens das idéias freudianas com relação à metafísica, ao reducionismo biológico e à teoria sexual. São analisados alguns aspectos das teorias de Herbart, Brentano, Weber, Fechner e das contribuições de Charcot, Breuer e Fliess. São também revistas as idéias de Freud sobre o estatuto científico da psicanálise e sobre seus vínculos com as ciências humanas.

Palavras-chave: psicanálise, epistemologia, filosofia.

ABSTRACT

The purpose of this essay is to analyze some of the epistemological determinants of Freud's psychoanalytical theory. The origins of the Freudian ideas towards metaphysics, biological reductionism, and sexual theory are reviewed. Some aspects of the theories by Herbart, Brentano, Weber, Fechner and the contributions of Charcot, Breuer and Fliess are analyzed. Freud's ideas about the scientific status of psychoanalysis and about its relationship with the human sciences are also reviewed.

Key words: psychoanalysis, epistemology, philosophy.

* Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP.

Endereço para publicação e correspondência: Rua Aracua, 351 – Pantanal – Florianópolis – SC – 88040-310
Tel: (48)9962-8892 – Fax: (48)3233-3247 E-mail: raraffa@aol.com

1. INTRODUÇÃO

A psicanálise, nos seus primórdios, parte de uma visão compreensiva dos fenômenos psíquicos – pois propriamente clínica – que buscava uma forma de tratamento da histeria. A histeria constituiu-se no seu objeto de pesquisa, pois era nela que se evidenciava de modo cabal esse fenômeno compósito e enigmático denominado “neurose”, esse “mal-estar” tão disseminado que perturbava a vida civilizada nas sociedades industriais do século XIX e XX.

Essa era a Esfinge de seu tempo e Sigmund Freud (1856-1939) foi seu Édipo, seu decifrador. Contudo, essa clínica inovadora situava-se nos limites da medicina de sua época, pois supunha sempre uma etiologia de fundo físico-químico, isto é, redutível à ciência física, e não afeita à questão hermenêutica.

O tratamento da histeria pela hipnose e o posterior estabelecimento da etiologia sexual das neuroses - afecções da alma infensas à terapêutica médica tradicional - conduziram ao ponto de viragem da nascente teoria freudiana. A técnica da hipnose foi sem dúvida um avanço para a época e, embora encarada com reserva no meio médico, ela ocupava com vantagem o lugar das abordagens pretensamente científicas do passado, baseadas na morfologia anatômica - como, por exemplo, a frenologia ou cranioscopia de Franz Joseph Gall (1758-1828).

Será que Freud intencionava essa solução que mistura compreensão e análise, como indica a terminologia empregada na descrição de sua disciplina? Em termos epistemológicos, o quê isso tudo significou para a construção de um campo até então inexistente, o da psicanálise?

Os aspectos teóricos a serem tratados a seguir – sobre a metafísica, o reducionismo biológico, e a etiologia sexual das neuroses – referem-se às fontes históricas do pensamento freudiano. As asserções do próprio Freud sobre o estatuto epistemológico da psicanálise seguem o desenvolvimento cronológico de seu pensamento até 1937, dois anos antes de seu falecimento.

2. QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

Michel Foucault denomina o processo de constituição da psicanálise de “reviravolta da psicologia”:

Mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância à significação do que a psicanálise. Sem dúvida, ela ainda permanece, no pensamento de Freud, ligada às suas origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la. (...) A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza mesma de seus conceitos: foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural. (Foucault, 1999, pp.129-130)

Estaria essa “impureza”, mencionada por Foucault, radicada na gênese da teoria dinâmica da personalidade elaborada por Freud, fonte de seus “preconceitos metafísicos”?

A dinâmica freudiana foi elaborada tendo em conta o modelo construído pelo filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841) no início do século XIX. Herbart ocupou a cátedra de Immanuel Kant (1724-1804) em Königsberg e foi seguidor de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) – o grande reformador educacional suíço – e é considerado o fundador da pedagogia enquanto ciência,

tendo sido ainda o primeiro a utilizar os métodos do cálculo infinitesimal na análise psicológica. Em seu livro *Psicologia como Ciência (Psychologie als Wissenschaft)* de 1824-1825, ele fundamenta a psicologia na experiência (*Erfahrung*), na metafísica (*Metaphysik*) e na matemática (*Mathematik*), definindo-a como uma “mecânica de representações” (*Vorstellungenmechanik*). Embora afirme a impossibilidade da experimentação em psicologia, para Herbart a psique é passível de investigação porque é composta de representações, que são mensuráveis; seu princípio elementar é que todos os fatos psicológicos são representações, entendidas como “átomos da alma”. Os estados anímicos são considerados por ele como uma interação de representações, que poderiam ser calculadas tendo por base a sua dinâmica, tal como na física se calcula a interação entre os objetos, apesar de negar validade à experimentação em psicologia. As representações são ativas e disputam a primazia de ocupar um lugar na consciência, o que ocorre quando ultrapassam um determinado limiar de excitação. Dessa forma, ele supõe duas dinâmicas psíquicas, uma consciente e outra inconsciente. (Pettoello, 1986, pp.14-18)

Embora a proposta metodológica de se investigar a psique através do “cálculo mental” tenha se mostrado inviável – embora essa tese tenha influenciado Fechner e mais tarde ecoe em Kurt Lewin, com referência à topologia matemática –, algumas das idéias de Herbart se mostraram frutíferas, como a sua “teoria da inibição” ou “interferência na aprendizagem”, posteriormente trabalhada por Freud no conceito de “recalque”. Mais ainda, os elementos que caracterizam o inconsciente dinâmico na primeira tópica freudiana - em especial os conceitos de

representação, pulsão e recalque - já estão presentes na filosofia herbartiana. (Roudinesco & Plon, 1998, p.330)

Franz Brentano (1838-1917), que foi professor de Freud no início de sua formação médica e cujas idéias vieram igualmente a influenciá-lo, atribuía à psicologia o papel central na Ciência como um todo. Em sua obra de 1874, *Psicologia do Ponto de Vista Empírico (Psychologie vom empirischen Standpunkte)*, um capítulo é dedicado à discussão sobre a validade do postulado de uma “consciência inconsciente”, no qual admite a possibilidade da existência de “determinantes inconscientes” atuando na psique. (Brentano, 1874/1997, pp.102-105).

Pode-se dizer, assim, que Brentano exerceu uma influência significativa em Freud, embora ele mesmo não tenha reconhecido isso. (Gay, 1989, p.44; Roudinesco & Plon, 1998, pp.92-93)

Com mais convicção poder-se-ia afirmar, talvez, que a “impureza” provém das “origens naturalistas” da psicanálise, como enuncia Foucault?

Nesse sentido, uma influência marcante de Freud foi Gustav Theodor Fechner (1801-1887), que fundou a psicofísica por volta de 1860, de quem Freud retirou os princípios de sua energética psíquica, principalmente o “princípio da constância”, e de sua “topologia mental” (Strachey, *in* Freud, 1915/1987, p.186; Strachey, *in* Freud, 1925, p.75n). Freud chega mesmo a afirmar que sempre se mostrou “receptivo às idéias de G.T.Fechner” e que seguiu suas idéias “em muitos pontos importantes”. (Freud, 1925, p.75)

Tendo cursado medicina, Fechner foi sucessivamente fisiologista, físico, psicofisicista e filósofo, desempenhando um importante papel na fundação da

psicologia experimental. Buscando a integração entre corpo e alma através de uma metodologia emprestada às ciências naturais - com ênfase no controle dos estímulos físicos - ele rompe com a visão de Herbart referente à impossibilidade de experimentos em psicologia, embora reafirme sua perspectiva matemática.

Sob a influência de Ernst Heinrich Weber (1795-1878), seu professor de fisiologia e anatomia na Universidade de Leipzig, formulou a célebre equação que leva seu nome. Weber realizava experimentos sobre a sensibilidade muscular a pesos e quanto à determinação da distância da estimulação de dois pontos na pele, verificando o efeito obtido sobre a experiência perceptiva do sujeito. Dos resultados obtidos nesses experimentos Weber hipotetizou que a diferença percebida pelos sujeitos entre distâncias e pesos não era atribuível aos objetos, mas sim a uma constante (razão) mensurável fisiologicamente. Fechner avançou na demonstração matemática da denominada “lei de Weber”, chegando finalmente na “lei de Fechner”, na qual afirma que a sensação é igual a uma constante multiplicada pelo logaritmo da magnitude do estímulo ($S = K \log R$). (Watson, 1978, pp.121-125)

A própria formação médica a que Freud foi submetido – em que pese seu contato com Brentano – veio a reforçar sua visão de que a única maneira de se fazer ciência era por meio da metodologia das ciências da natureza. Tendo trabalhado no Laboratório de Fisiologia de Ernst Wilhelm von Brücke (1819-1892) a partir de 1877, ele tomou contato com as idéias do grupo denominado Escola de Medicina de Helmholtz. Esse grupo formado por Brücke, Hermann von Helmholtz (1821-1894), Emil Du Bois Raymond (1818-1896) e Carl Ludwig (1816-1895) tinha por divisa que “além das forças físico-químicas comuns, não há outras forças

ativas dentro do organismo”, contrapondo-se, dessa forma, às concepções vitalistas. As conferências sobre fisiologia de Brücke, editadas em 1874, causam grande impressão no jovem Freud, que assimilou a idéia - desenvolvida nessa obra - de uma “força física” agindo no interior dos organismos vivos à sua descrição do aspecto dinâmico da psicanálise realizada em 1926. (Jones, 1953/1989, pp.51-54)

Pode-se imputar essa “impureza”, então, à teoria sexual, ou melhor, à etiologia sexual das neuroses proposta por Freud?

A teoria sexual em Freud adquire enorme relevância no conjunto de sua doutrina, “tanto do ponto de vista pessoal, quanto do ponto de vista filosófico”. (Jung, 1961/1975, p.135)

O primeiro elemento a ser considerado no desenvolvimento das idéias de Freud a esse respeito foi o contato que teve com o caso “Anna O.” – cognome de Bertha Pappenheim (1860-1936) - paciente de Josef Breuer (1842-1925), caso clínico depois descrito nos *Estudos Sobre a Histeria (Studien über Hysterie)*, que ambos redigiram em 1895. Atendida por Breuer entre 1880 e 1882, o relato de seu caso impressionou muito a Freud – um “teatro erótico” -, e chegou a comentá-lo com Jean Martin Charcot (1825-1893) por ocasião do seu estágio no hospital Salpêtrière. Breuer nunca veio a aceitar as teses de Freud sobre a etiologia sexual das neuroses, o que acabou por conduzir ao esfriamento da ligação entre os dois. (Gay, 1989, pp.77-79; Jones, 1953/1989, p.233)

Por ocasião de sua estada em Paris em 1885-1886 ocorre uma mudança decisiva na perspectiva estritamente fisiológica de Freud, quando ele frequenta as aulas de Charcot e posteriormente traduz para o alemão duas de suas obras:

Conferências Sobre as Doenças do Sistema Nervoso Realizadas na Salpêtrière (Leçons sur les maladies du système nerveux faites à la Salpêtrière) e Conferências das Terças-Feiras na Salpêtrière (Leçons du mardi à la Salpêtrière).

Um curioso trecho do livro *A História do Movimento Psicanalítico (Zur Geschichte der Psychoanalytischen Bewegung)* nos mostra essa transição:

Charcot de súbito irrompeu com grande animação: "*Mais, dans des cas pareils, c'est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours*", e cruzou os braços sobre o estômago, abraçando-se a si mesmo e pulando para cima e para baixo na ponta dos pés várias vezes com a animação que lhe era característica. Sei que por um momento fiquei quase paralisado de assombro e disse para mim mesmo: "mas se ele sabe disso, por que não diz nunca?". Mas a impressão logo foi esquecida; a anatomia do cérebro e a indução experimental de paralisias histéricas absorviam todo o meu interesse. (Freud, 1914a/1987, p.24)

Com Charcot, Freud passa da neurologia à psicopatologia (Jones, 1953/1989, p.193; Gay, 1989, p.61), embora tenha afirmado no necrológico dedicado a Charcot – escrito em agosto de 1893 - que “a abordagem exclusivamente nosográfica adotada pela escola do Salpêtrière não foi suficiente para um assunto puramente psicológico”. (Freud, 1893/1987, p.30). Ao se referir à ênfase na nosografia, isto é, na descrição das psicopatologias, como uma limitação do trabalho de seu mentor parisiense, Freud parece propugnar por uma abordagem compreensiva que dê conta da complexidade do fenômeno psíquico.

Outro personagem cujas idéias vieram a exercer influência sobre Freud foi Wilhelm Fliess (1858-1928), amigo e confidente, com quem se correspondeu entre 1885 e 1904. Essa correspondência, da qual só restaram as cartas enviadas por Freud a Fliess, constitui-se na mais importante documentação relativa aos primórdios da psicanálise. Fliess era um médico alemão que defendia algumas teorias extravagantes – entre elas, a numerologia, a periodicidade dos ciclos

humanos, a relação entre o nariz e os órgãos genitais - e advogava a favor do conceito de bissexualidade. Mais tarde, finda a amizade, acusou Freud de haver lhe plagiado a idéia. Ao que Freud teria respondido: “E, se ele me deu a bissexualidade, dei-lhe a sexualidade antes disso”. (Masson, 1986, p.4)

Em 21 de abril de 1896, Freud proferiu uma conferência na Sociedade de Psiquiatria (*Psychiatrischer Verein*) em Viena, onde pela primeira vez postulou a etiologia sexual da histeria: “qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual” (Freud, 1896/1987, p.185).

A descoberta da etiologia sexual das neuroses leva Freud a propor inicialmente a “teoria da sedução generalizada” – um “erro quase fatal”, dirá ele mais tarde -, na qual é o adulto que opera ativamente a sedução, depois substituída pela formulação edipiana, onde se enfatiza a fantasia infantil. (Laplanche, 1988, pp. 109-113)

Em carta a Fliess, de 21 de setembro de 1897 (Carta 69), Freud declara: “Não acredito mais na minha neurótica [teoria das neuroses]. (...) O pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de perverso. (...) Certamente, essas perversões tão generalizadas contra as crianças não sejam muito prováveis” (Masson, 1986, p.265). Em carta posterior, de 15 de outubro do mesmo ano (Carta 71), Freud levanta, pela primeira vez, a questão edipiana: “Descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um fenômeno universal do início da infância. (...) Se assim for, podemos entender o poder de atração do *Oedipus Rex*”. (Masson, 1986, p.273)

Freud retoma o tema do Édipo Rei em *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)* e, com o avanço de suas idéias, a questão edipiana passa a ser o ponto central de sua doutrina.

Inicia-se, assim, a gestação do primado da sexualidade, central em sua obra, cuja demonstração teórica mais acabada se produz nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie)* de 1905, com a explanação do desenvolvimento psicosexual infantil. A premissa da sexualidade infantil irá atrair críticas acérrimas: “Poucos dos achados da psicanálise tiveram tanta contestação universal ou despertaram tamanha explosão de indignação (...)”. (Freud, 1925/1987, p.47)

Mas, afinal, essa “impureza” conceitual residiria nas idéias epistemológicas do próprio Freud?

Para Assoun, por exemplo, a teoria do conhecimento em que se baseia a psicanálise é uma conjunção entre metodologias heterogêneas, entre as quais poderia ser incluída a fenomenologia. (Assoun, 1983, pp.48-49)

Entretanto, essa não é a posição de Grünbaum, que afirma que o critério de cientificidade de Freud sempre foi metodológico, isto é, baseado na clínica e na etiologia dos sintomas, e não propriamente guiado por questões ontológicas ou epistemológicas. Em apoio a essa última formulação temos que, por exemplo, mesmo nas teorizações mais tardias de Freud sobre o aparelho psíquico permanece o dilema entre o nativismo e o empirismo na análise da percepção, como é o caso de suas dúvidas acerca da fórmula 'Pcpt.=Cs.' (percepção igual consciência), sem que ele se preocupasse em justificar sua oscilação em favor de

uma ou de outra idéia em termos de uma teoria do conhecimento. (Grünbaum, 1984, p.6; Grünbaum, 2000, p.173).

Pois para Freud a psicanálise é ciência da natureza e seu objetivo é explicar os fatos psíquicos; seu modelo de conhecimento científico é a anatomia e a fisiologia apoiadas no método físico-químico e, assim sendo, sua concepção do estatuto epistemológico da ciência do psiquismo pode ser considerada reducionista.

E é em referência a uma química energética que Freud afirma a analogia entre psicanálise e química. Desse modo, levando a idéia freudiana ao seu limite, a manipulação bioquímica seria o futuro - ou o fim - da psicanálise: "todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa estrutura orgânica" (Freud, 1914b/1987, p.95).

Entretanto há nesse argumento uma contradição de viés epistemológico, pois o objeto da psicanálise - o inconsciente - pode ser assimilado ao conceito da "coisa em si" (*noumenon*) da filosofia de Kant, aquilo que não pode ser qualificável. Isso gera o paradoxo da epistemologia freudiana: a psicanálise é ciência da natureza e tem por objeto o inconsciente; discorrer sobre o inconsciente é discorrer sobre a coisa-em-si, isto é, sobre o incognoscível. Portanto, a psicanálise seria a ciência do incognoscível, daquilo que, como nota Freud em *O Inconsciente (Das Unbewusste)*, excede os limites da percepção (interna) da consciência sobre a realidade psíquica. (Freud, 1915/1987, p.197).

A solução desse dilema está em afirmar um limite absoluto para o conhecimento analítico no qual as significações são tão enredadas que se tornam

indecifráveis: "esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido" (Freud, 1900/1987, p.482).

Daí a pretensa ligação da psicanálise com a superstição e o esoterismo, que Freud assim responde:

Eu creio de fato no acaso exterior (real), mas não creio no acaso interior (psíquico) [*Ich glaube zwar na äusseren (realen) Zufall, aber nicht na innere (psychische) Zufälligkeit*]. (...) São duas as diferenças entre mim e o supersticioso: primeiro, ele projeta para fora uma motivação que eu procuro dentro; segundo, ele interpreta mediante um acontecimento o acaso cuja origem atribuo a um pensamento. Mas o oculto para ele corresponde ao que para mim é inconsciente, e é comum a nós dois a compulsão a não encarar o acaso como acaso, mas a interpretá-lo. (Freud, 1905/1987, pp.223-224)

Vale dizer que Freud nunca supôs a psicanálise como uma disciplina separada da psicologia: "a psicanálise é uma parte da psicologia" (Freud, 1927/1987, p.286). Inclusive chega a sustentar que a "primeira ponte ligando a psicologia experimental à psicanálise" tenha sido levantada pelo trabalho de Wilhelm Wundt (1832-1920) sobre as associações (Freud, 1914a/1987, p.39).

Advertiu, inclusive, contra a tentação dos psicanalistas em "flertar com a endocrinologia e o sistema nervoso autônomo, quando aquilo de que se necessita é de uma percepção de fatos psicológicos com a ajuda de uma estrutura de conceitos psicológicos" (Freud, 1927/1987, p.292). Desse modo, a psicanálise se tornaria o "elo" entre a psiquiatria e os demais ramos das ciências mentais (Freud, 1926/1987, p.307), mas sempre mantendo seu *status* de ciência independente – "ciência especializada, um ramo da psicologia" (*Spezialwissenschaft, ein Zweig der Psychologie*) -, não se reduzindo, portanto, a uma mera concepção de mundo (Freud, 1933/1987, p.194).

Contudo, apesar das questões levantadas anteriormente, Freud em um de seus últimos trabalhos retoma a idéia de uma psicologia autônoma frente à ciência natural, que inclusive englobaria a sociologia: "pois também a sociologia, lidando, como é de seu ofício, com o comportamento das pessoas em sociedade, não pode ser senão psicologia aplicada. Estritamente falando, só há duas ciências: psicologia, pura ou aplicada, e ciência natural" (Freud, 1933/1987, pp.217-218).

Essa colocação remete-se à antiga distinção entre ciências naturais e ciências do espírito, como se Freud - cumprido o trajeto de sua obra - reconhecesse a inevitabilidade do campo próprio à psicologia e às demais ciências humanas.

3. CONCLUSÃO

No seu surgimento a psicanálise não esteve pautada por um programa filosófico que a inserisse dentro de perspectiva epistemológica clara. Mas devido à sua própria formação médica, Freud assumia implicitamente uma teoria do conhecimento fisicista, que remetia suas descobertas a uma explicação no âmbito das ciências naturais.

Apesar das marcantes influências filosóficas no seu trabalho - de Herbart, Brentano, Nietzsche, Schopenhauer e outros – Freud alegava “desconhecimento” ou “criptomnésia” quando confrontado com a similaridade da teoria psicanalítica com as doutrinas filosóficas que a antecederam. A criptomnésia, por exemplo, é referida em relação à questão da dualidade pulsional, já presente *in nuce* na filosofia de Empédocles de Agrigento (Freud, 1937/1987, p.278).

Com relação a Schopenhauer e Nietzsche, ele comenta: “Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. Nietzsche (...) por muito tempo foi evitado por mim, justamente por isso mesmo; eu estava menos preocupado com a questão da prioridade do que em manter minha mente desimpedida”. (Freud, 1925/1987, pp.75-76). Jung também atesta: “Freud disse-me que nunca lera Nietzsche”. (Jung, 1961/1975, p.138)

Todos esses aspectos apontam para uma desconsideração por parte de Freud das implicações filosóficas de suas descobertas, não subordinadas ao campo das ciências da natureza, mas ainda não formalmente incluídas nas ciências humanas.

Essas ambigüidades serão severamente criticadas pelos filósofos em geral, tanto os positivistas, quanto os fenomenólogos.

A cientificidade da psicanálise - analisada pelo viés positivista - é também o fulcro das críticas metodológicas de Pöpper (1962), retomadas por teóricos posteriores: “*psychoanalysis has much more in common with astrology than with the genuine sciences*” (Grünbaum, 1979, p.132), quer dizer, a psicanálise seria uma disciplina tautológica, fechada em seus próprios pressupostos e incapaz de ser submetida à teste.

Respondendo a críticas como essa, Figueiredo (1996, pp.21-22) observa que a psicanálise não necessita “ser reconhecida como ciência diante de algum tribunal epistemológico” e deve, sim, confrontar a sua concepção de subjetividade às noções ingênuas dos representantes atuais da “velha epistemologia”.

Por outro lado, Ricoeur aponta a falta de uma abordagem epistemológica na teoria psicanalítica que levasse em conta a perspectiva hermenêutica

desenvolvida já em *A Interpretação dos Sonhos*. Para ele “ninguém contribuiu mais que Freud para romper o charme do fato e para reconhecer o império do sentido. Todavia, Freud continua a inscrever todas as suas descobertas nesse mesmo contexto positivista que, no entanto, vinham arruinar”. (Ricoeur, 1969/1978, p.125)

Mas, apesar desses desacertos epistemológicos, a teoria psicanalítica desenvolveu uma hermenêutica do pensamento inconsciente que pode ser considerada a sua mais relevante contribuição para a psicologia em particular e para as ciências humanas em geral. E foi por essa senda que algumas das escolas psicanalíticas posteriores se orientaram, em busca da construção de sua própria concepção de subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUM, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. (H.Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- BRENTANO, F.C. (1997). *Psychology from an empirical standpoint*. Nova York: Routledge. (Originalmente publicado em 1874).
- FIGUEIREDO, L.C.M. (1996). *Revisitando as psicologias*. Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, M. (1999). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (V.Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FREUD, S. (1987). Charcot. (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.II*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893).

FREUD, S. (1987). Estudos sobre a histeria. (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.II*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).

FREUD, S. (1987). A etiologia da histeria (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.III*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896).

FREUD, S. (1987). A interpretação dos sonhos. (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.V*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).

FREUD, S. (1987). Os chistes e sua relação com o inconsciente (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.VIII*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).

FREUD, S. (1987). A história do movimento psicanalítico (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XIV*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914a).

FREUD, S. (1987). Sobre o narcisismo: uma introdução (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XIV*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914b).

FREUD, S. (1987). O inconsciente. (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XIV*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

FREUD, S. (1987). Um estudo autobiográfico (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XX*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925).

FREUD, S. (1987). Psicanálise (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XX*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926).

FREUD, S. (1987). Pós-escrito - A questão da análise leiga (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XX*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).

FREUD, S. (1987). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XXII*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933).

FREUD, S. (1987). Análise terminável e interminável (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XXIII*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).

GAY, P. (1989). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. (D.Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

GRÜNBAUM, A. (1979). Is Freudian psychoanalytic theory pseudo-scientific by Karl Pöpper's criterion of demarcation? *American Philosophical Quarterly*, 16/2, 131-141.

GRÜNBAUM, A. (1984). *The foundations of psychoanalysis: a philosophical critique*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.

- GRÜNBAUM, A. (2000). Um século de psicanálise: retrospectiva crítica e perspectivas. In M.S.Roth (Org.), *Freud: Conflito e cultura* (pp.165-175). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- JONES, E. (1989). *A vida e obra de Sigmund Freud*. (J.C.Guimarães, Trad.). 3v. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1953).
- JUNG, C.G. (1975). *Memórias, sonhos, reflexões*. (D.F.Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1961).
- LAPLANCHE, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (D.Vasconcellos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- MASSON, J.M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. (V.Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- PETTOELLO, R. (1986). *La formazione filosofica di J.F.Herbart*. Milão: La Nuova Italia.
- PÖPPER, K.R. (1962). *Conjectures and refutations: the growth of scientific knowledge*. New York: Basic Books.
- RICOEUR, P. (1978). *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. (H.Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1969).
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (L.Magalhães, V.Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- STRACHEY, J. (1987). Nota do editor inglês. In S.Freud, O inconsciente (V. Ribeiro, Rev.Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas/Vol.XIV*, p.186. Rio de Janeiro: Imago.
- WATSON, R.I. (1978). *The great psychologists*. Nova York: J.B. Lippincott.